



Cândido Portinari
 – pamětná výstava
 JUDITKA F. KUBŠOVÁ

Portinari, vrozený malíř, v letech 1930-1962 vytvořil jedny z nejvýznamnějších děl moderní umění v Brazílii. Jeho dílo je charakteristické svou silnou sociální angažovaností a kritickým pohledem na společnost. V roce 1962 byl zavražděn v době svého návratu z Evropy, kde se věnoval malbě a literatuře. Jeho dílo je dnes považováno za základ moderní brazilské umělecké scény.

Portinari se narodil v Rio de Janeiro v roce 1903. Jeho rodiče byli bohatí a měli vliv na jeho umělecké vzdělání. V roce 1925 se přestěhoval do São Paulo, kde se stal členem skupiny moderních umělců. Jeho dílo je charakteristické svou silnou sociální angažovaností a kritickým pohledem na společnost. V roce 1962 byl zavražděn v době svého návratu z Evropy, kde se věnoval malbě a literatuře. Jeho dílo je dnes považováno za základ moderní brazilské umělecké scény.

Portinari se narodil v Rio de Janeiro v roce 1903. Jeho rodiče byli bohatí a měli vliv na jeho umělecké vzdělání. V roce 1925 se přestěhoval do São Paulo, kde se stal členem skupiny moderních umělců. Jeho dílo je charakteristické svou silnou sociální angažovaností a kritickým pohledem na společnost. V roce 1962 byl zavražděn v době svého návratu z Evropy, kde se věnoval malbě a literatuře. Jeho dílo je dnes považováno za základ moderní brazilské umělecké scény.

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA, 100 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA, 60 ANOS DA AUSÊNCIA DE PORTINARI (1903-1962)...

ZUZANA PATERNOSTRO



Prédio “Casa da Arte” (Dom Umenia), Bratislava, local que acolhia exposições em seus espaços e salas. Em 1960, exibiu as obras de Cândido Portinari. Foto: Divulgação.

ENSAIO

**200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA,
100 ANOS DA SEMANA DE
ARTE MODERNA, 60 ANOS
DA AUSÊNCIA DE PORTINARI
(1903-1962)...**

Entre estas efemérides, eu comemoro a lembrança dos meus 50 anos no Brasil.

**ZUZANA PATERNOSTRO
ABCA/RIO DE JANEIRO**

Diante de muitas dessas efemérides que desfilam na minha memória pela ordem cronológica - 200 anos de Independência, 100 anos da Semana de Arte Moderna, 60 anos da ausência de Portinari (1903-1962) e 120 anos da artista tcheco surrealista, Toyen (1902-1980) - eu poderia destacar aquela que é mais próxima a mim: a lembrança dos meus 50 anos no Brasil. No entanto, mesmo intermediado pelas Artes, o contato era bem mais antigo: desde a adolescência, já lia em traduções as obras literárias de Jorge Amado bem como folheava revistas com imagens de Cândido Portinari. Foi a época em que estavam intensas as relações entre meu país - a Tchecoslováquia - e o Brasil, principalmente no campo cultural. Afinal, o presidente Juscelino Kubitschek - ao menos pela sonoridade de seu nome - me era muito familiar.¹

Porém, apenas em 1960, tive conhecimento das obras originais de Portinari numa exposição itinerante por Praga, Brno e Bratislava, na ex-Tchecoslováquia. Nesta última cidade citada, eu era estudante

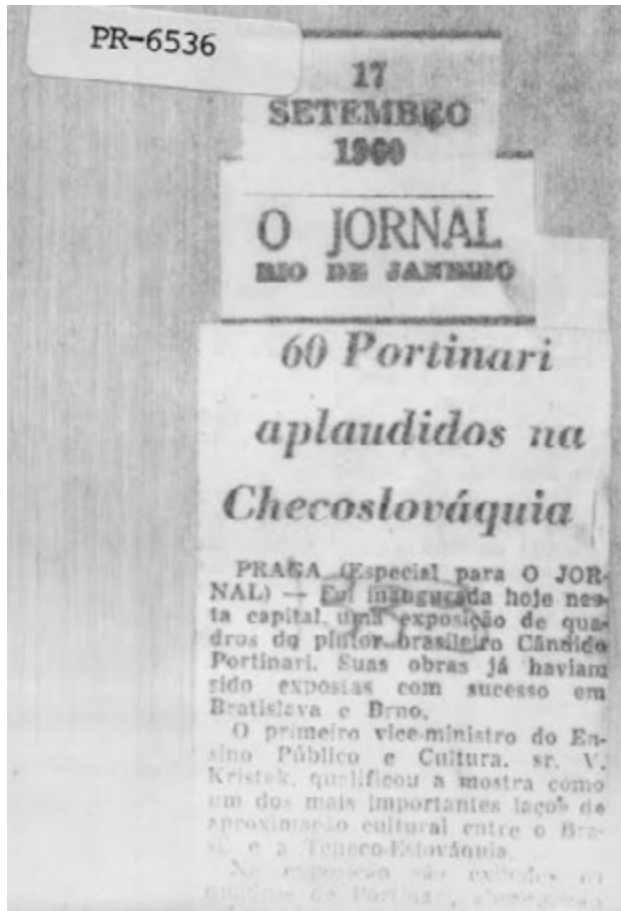
profissionalizante da Escola da Arte Utilitária e Design, portanto foi mais que apropriado entrar naquela fila, que dobrava o quarteirão da Casa da Arte, para apreciar os originais daquele artista “mundialmente conhecido”, conforme a imprensa do meu país tratava aquele pintor

brasileiro para mim, até então, desconhecido.

Cheguei ao Brasil no *Réveillon* de 1971. Após certa aclimatação aperfeiçoando meu português aprendido no Curso para Estrangeiros, me radiquei no Rio de Janeiro. Logo procurei a mais próxima



Anúncio da exposição com as obras de Cândido Portinari na Checoslováquia, em 1960, periódico Lidová Demokracie (Fonte: Acervo do Projeto Portinari).



Anúncio da exposição com as obras de Cândido Portinari na Checoslováquia, 1960, em *O Jornal*, Rio de Janeiro (Fonte: Acervo do Projeto Portinari).

instituição museológica - local de minha atuação profissional recém-abandonada, e foi assim que visitei o Museu de Arte Moderna (MAM-RJ)

que, na ocasião, estava justamente instalando a exposição itinerante do pós-impressionista Pierre Bonnard (1867-1947), exibição proveniente da Europa, de onde eu havia acabado de chegar.

Na oportunidade daquela visita, procurei pelos funcionários encarregados e, na condição de Historiadora da Arte, pude adentrar a Reserva Técnica: para minha felicidade, dei de cara com uma das obras da já internacionalmente reconhecida pintora surrealista Marie Cermínová (1902-1980)², mais conhecida por seu pseudônimo Toyen³.

Fiquei feliz de ver ali uma “conterrânea”, mas, na total impossibilidade de ser contratada, acabei batendo na porta do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA-RJ), quando me deparei com algo mais interessante ainda: a exposição em cartaz de Cândido Portinari.

Meu português também era ainda insuficiente, então optei por escrever para a revista *Výtvarný Život* (em português: ‘Vida das Artes Plásticas’), especializada em

pintura, escultura e design. Decidi compartilhar minha descoberta, já que Portinari era bastante conhecido, divulgando o seu trabalho na minha volta para a Tchecoslováquia. Para minha surpresa - como é possível conferir a seguir - o artigo foi publicado.

Eis a tradução:

CÂNDIDO PORTINARI - EXPOSIÇÃO MEMORIAL

O legado de um dos maiores artistas modernos do Brasil contemporâneo - a arte do destacado pintor Cândido Portinari (1903-1962) - possui, sem dúvida, valor supranacional. Sua visão filosófica humanística, transformada de forma distinta em pinturas, gravuras e murais, representa um panorama artisticamente completo na história da arte moderna brasileira. Os valores artísticos de sua obra ultrapassaram as fronteiras nacionais e situaram, dentro da arte latino-americana, parte integrante da arte contemporânea de nosso século.

O Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA-RJ), com

a participação do Grupo Halles, realizou em junho passado uma extensa exposição de pinturas de C. Portinari provenientes de coleções de algumas instituições de arte nacionais e coleções de arte privadas. O motivo para a realização desta mostra foi o décimo aniversário da morte do artista em 1962. Dezenas de obras, majoritariamente pintadas, estiveram reunidas no museu e instaladas no Salão de Exposições Temporárias do MNBA, representando o trabalho do artista no período de 1930 a 1960.

A exposição tornou-se uma vitrine das mais importantes obras de arte do pintor e atraiu o visitante com uma paleta de cores fortes – que dominaram nas obras iniciais de Portinari e, mais tarde, ganharam uma posição quase privilegiada. Em retratos por volta de 1928-30, o sentimento de cor é visível na superfície marcada pela influência dos primitivistas italianos, além de Modigliani, para manifestar e potencializar composições em telas inspiradas na arte de monumentalistas mexicanos.

Em *Café (1935)*, representando conflitos sociais, Portinari abre suas observações críticas na extensa pintura a óleo que, pelas suas ênfases expressivas, atraiu atenção na exposição. A tela representa uma composição de quase 50 figuras, cuja representação se tornou um meio de moldar a ideia artística de posteriores murais figurativos. Esta pintura também marca o primeiro sucesso internacional do pintor, expresso com um prêmio em uma exposição internacional em Pittsburgh (EUA). A robusta divisão da área vista nesta tela, que vai até a estilização decorativa, dá lugar a obras posteriores, mais maduras, criadas no ambiente da colaboração de Le Corbusier com Lúcio Costa na construção do Ministério da Educação e Cultura do Rio de Janeiro, tendo Cândido Portinari como o coautor.

Desse período, a exposição do MNBA concentra-se em obras que documentam a concepção super realista de Portinari com um tom patético característico. Este elemento torna seus desenhos, estudos, esboços e pinturas a óleo documentos significativos de sua

trajetória social e, de fato, refletem um núcleo crítico da sociedade. O objetivo da maioria das telas, exibidas por volta dos anos 1935-1945, é retratar o conflito entre a vida e a morte. Artisticamente, a estilização monumental dá lugar a uma afinação mais íntima das obras, onde as cores densas e coloridas do período anterior se transformam em cores mais sensíveis. O desenho recua para o fundo e deixa o efeito na cor específica das pinturas, no caso das pinturas a óleo, aparecer com força e impacto em desenhos e estudos separados. Esse período inclui pinturas da região Norte do Brasil, sofrendo de uma seca cíclica (quadro *A Terra da Seca, 1938*), que marca a vida dos habitantes. São alternadas por telas de mulheres e crianças baianas, criadas por uma cor leve e pitoresca com subtexto de desenho nervoso. Seus exemplos típicos são as obras *Mulheres da Bahia (1940)*, *Meninas de Arcozelo (1940)*, *Mulher com Filhos (1940)* e *Mulher com Galo (1941)*. Todas correspondem às principais obras de cavalete de Portinari nesse período.

O crescimento de componentes expressivos é substituído por esse lirismo visual transitório, sobretudo no final dos anos 1940, nas pinturas *Mulher Chorando* (1947) e finalmente no ciclo *Meninos de Brodowski*, que se tornou um meio de estudo aprofundado dos tipos e rostos infantis cujo denominador comum é a pobreza e a adolescência prematura. As figuras das crianças são esboçadas nas mesmas posições com uma expressão facial distinta, como se chamando a atenção para o seu destino comum. Na obra de Portinari, há uma concentração analítica, que ele utiliza com maestria artística em inúmeros estudos de arte sobre o mesmo tema da prosa que conhece desde a infância na cidade de Brodowski, no estado de São Paulo.

O desenvolvimento artístico do próprio pintor culmina em pinturas a óleo do final dos anos 1950 que foram representadas na exposição do MNBA por telas com o tema de famílias migrantes tentando escapar da miséria do Nordeste. Ele resumiu seus estudos de pintura nos conhecidos ciclos *Refugiados* (1958)

e na série *Terre Promise* (1960). Na obra de Portinari, ambos os ciclos representam um período completo com uma síntese de traços típicos, que ele ganhou de forma artística única, absorvendo os estímulos fortes da pintura monumental em uma composição pensativa desprovida de detalhes e realçada por uma cor única em um todo, compondo um conjunto perfeito. Esses conhecidos ciclos dos últimos anos de sua vida concentraram o domínio artístico numa síntese única, que, para além dos conflitos da arte figurativa e abstrata, têm mostrado uma indiscutível validade universal. (In: VÝTVARNÝ ŽIVOT - Ano 17 - 1972 - Número 10, p. 41-42.)

Este texto acima é a prova cabal de que o exercício efetivo (1967-71) e o intervalo de retomada de trabalhos (1972), na minha profissão, de fato foram insignificantes. O que se pode dizer de um trabalho que virou prazer? Pouco tempo depois, o MNBA me aceitou na condição de voluntária, em seguida me contratando como guia na exposição Memória da Independência do Brasil por mais alguns meses na realização desse evento. Lá fui

eu – uma estrangeira recém-chegada – mostrar quadros, esculturas, bandeiras, documentos, armas e objetos diversos que ilustravam, de forma espetacular, o mencionado Sesquicentenário.⁴

De quebra, pude apreciar obras de Jean-Baptiste Debret (1768 - 1848), Nicolas Taunay (1755 - 1830) e Grandjean de Montigny (1776 - 1850) além de, dentre outros, Marc Ferrez (1788 - 1850). De tudo que observei e analisei, o que me convenceu a fincar o pé no país foi o monumental



Artigo publicado em 1972 para a revista Vytvarny Zivot, Bratislava.

catálogo publicado na ocasião - a edição de *Memória da Independência 1808/1825*, elaborada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com a iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a colaboração de inúmeros museus brasileiros consagrados, por isso continua sendo meu livro de cabeceira.

Pouco tempo depois descobri, nesse mesmo MNBA, quadros de Portinari tais como *Retrato de Olegário Mariano* (1928) e o da sua esposa, *Retrato de Maria* (1932), ambos deslumbrantes, bem como foi possível apreciar o imponente *Café* na sua plenitude material. Não satisfeita com minha sorte, acrescentei à minha fortuna o encontro com os quadros de Anita Malfatti (1889-1964) e de Tarsila do Amaral (1886-1973), produção artística da Semana de Arte Moderna de 1922. Delas, o impactante *Autorretrato* da Tarsila continua sendo exibido em minhas palestras - particularmente as relativas ao feminismo - tanto nacionais como internacionais, uma espécie de “carro-chefe” ou de “joia da coroa”.

1972, o ano da minha chegada ao Brasil, foi decididamente maravilhoso para mim. Neste 2022 pleno de efemérides, tenho que admitir a minha motivação pessoal tão especial - escolhi exatamente os meus 50 anos por aqui, que envolveram incontáveis novidades e descobertas insuspeitas numa sequência caleidoscópica de encontros felizes e realizações: melhor, impossível!

NOTAS

- 1 Conheci, na minha adolescência, mais de um amigo com o sobrenome Kubicek.
- 2 A Marie Cermínová (Toyen) é o assunto da pesquisa, já em fase final, da escritora e cineasta tcheca Andrea Sedláčková.
- 3 Para conferir a origem do apelido “Toyen”, consultar o conteúdo disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/toyen/>
- 4 *Memória da Independência 1808/1825* - Catálogo contendo mais de mil itens dividido em 15 categorias: documentos, publicações, personagens e outros.

ZUZANA PATERNOSTRO

Zuzana Trepková Paternostro (12 de janeiro de 1944, Budapeste, Hungria) é uma historiadora de arte de origem eslovaca que vive e trabalha no Brasil desde 1972 no Brasil. Formada em História e Teoria da Arte (1962 - 1967); Possui Mestrado e Doutorado (1975) pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Jan Amos Komensky em Bratislava (Tcheco-Eslováquia); Durante 39 anos técnica do Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro foi Curadora-Chefe da Coleção de Pintura Estrangeira no MNBA ; Indicada pela ABCA ao Prêmio Mário de Andrade (2012); Membro de diversas associações (AICA e ICOM) e curadora - única da América do Sul - do Conselho Internacional de Curadores de Arte Flamengo e Holandesa (CODART). Especializada em Pintura Européia Antiga. Participa de Palestras e publicações no Brasil e no exterior